

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE GESTÃO E NEGÓCIOS
CURSO DE ADMINISTRAÇÃO INTEGRAL**

**O AGRONEGÓCIO SUCROALCOOLEIRO E SEUS IMPACTOS SOBRE OS
TRABALHADORES NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO, MINAS
GERAIS, BRASIL A PARTIR DE 2000.**

Aluna: Gabriela Peres

Orientadora: Fabiane Santana Previtalli

UBERLÂNDIA
2019

1. Introdução

Segundo Rajão e Rittl (2018), o agronegócio no Brasil é bastante importante para a economia do país, representando uma potência, sendo o quarto maior produtor mundial de alimentos. No ano de 2017 colheu uma safra de 242 milhões de toneladas, resultando em um *superávit* comercial. Além disso, o agronegócio representa direta e indiretamente por quase um quarto do PIB do país.

Desde o descobrimento do Brasil, há um incentivo do cultivo da cana-de-açúcar, introduzida a princípio em Pernambuco, já hoje em dia está espalhado por várias regiões do país, como afirmam Vieira, Lima e Braga (2007, p.10) “em menos de vinte anos as plantações de cana-de-açúcar se espalharam pelo litoral brasileiro, de forma que por volta de 1550 o país já era o maior produtor mundial de açúcar”. O setor responsável pela produção de açúcar, etanol e biomassa, se denomina setor sucroalcooleiro. Com dados mais recentes do levantamento feito pela CONAB (2017) a área a ser colhida está estimada em 9,05 milhões de hectares, aumento de 4,6%, se comparada com a safra 2015/16. Isso mostra a grande importância que esse setor representa para o agronegócio e mais ainda para a economia do país.

Dessa forma, Peres et al. (2017) discutem que ao longo dos anos surgiram novas tecnologias fundamentais para o crescimento desse setor no Brasil, como as máquinas mais antigas a vapor e as ferrovias que permitiram o transporte da mercadoria, e também as colhedoras modernas utilizadas nas colheitas atuais. Além dos avanços tecnológicos, o governo lança diversos incentivos para aumentar o crescimento econômico do setor sucroalcooleiro. Alguns dos programas foram Proálcool¹, Proterra², Polonordeste³, Sudam⁴, Sudene⁵ e entre outros, que incentivavam a monocultura. 1986, a terceira entre 1986 e 1995, a quarta entre 1995 e 2000 e a última é a fase atual.

¹ Programa Nacional do Alcool, passou por 5 fases, sendo a primeira fase de 1975 a 1979, período da ditadura militar, a segunda entre 1980 e 1986, a terceira entre 1986 e 1995, a quarta entre 1995 e 2000 e a última é a fase atual. Para maior detalhamento consultar Cunha e Previtali (2014).

² Programa de Redistribuição de Terras e de Estímulo à Agroindústria do norte e nordeste, criado em 9 de julho de 1970 (PLANALTO, 2019).

³ Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste, criado em 30 de outubro de 1974 (PLANALTO, 2019).

⁴ Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia, criada no governo de Castelo Branco em 1966 (PLANALTO, 2019).

⁵ Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, criado em 15 de dezembro de 1959 (PLANALTO, 2019).

Com isso se faz necessário discutir os valores expressivos que o setor do agronegócio sucroalcooleiro representa para a economia e para as riquezas do país e analisar os impactos sociais causados pela inserção das máquinas para aumentar cada vez mais a produtividade e a eficiência da colheita de cana-de-açúcar. Além disso, é importante também compreender a posição do sindicato diante tais mudanças para o trabalhador do campo. Nessa direção, o objetivo desse artigo é problematizar algumas das implicações sociais concernentes à reestruturação e expansão do setor na região do Triângulo Mineiro, Minas Gerais, Brasil e como o movimento sindical dos trabalhadores rurais respondem às mudanças a partir da década de 2000.

Peres et al. (2017, p. 454) também ressaltam que

Com os incentivos por parte do governo e o surgimento das novas tecnologias no setor sucroalcooleiro, há também um aumento na exploração dos trabalhadores rurais, que em muitas vezes trabalham em péssimas condições de trabalho, e devido à introdução das máquinas na colheita da cana, que antes eram feitas a partir da queimada das folhas para auxiliar no corte manual, os trabalhadores acabam tendo que trabalhar mais, pois os terrenos que as máquinas não conseguem fazer a colheita são geralmente mais inclinados, ou com canas de pior qualidade tornando assim o corte mais difícil, o que nos faz pensar se realmente a sustentabilidade social existe nesse setor (PERES et al., 2017, p.454).

Assim, buscamos entender o que está sendo feito diante desse cenário de mudança no trabalho por parte dos sindicatos, pois é de responsabilidade desses órgãos proteger o trabalhador no que diz respeito às relações e condições de trabalho. No entanto, olhando o cenário do país fortemente apegado à produção agrária, pode-se aventar-se como hipótese que a atuação dos sindicatos não é efetiva, ele não tem força e representatividade dos próprios trabalhadores. Historicamente, os sindicatos passam a ser órgãos reprodutores de uma lógica corporativista e de mediação entre patrão e empregado, respondendo mais aos interesses da burguesia agrária.

Para a realização deste artigo, foi adotada como metodologia pesquisas em diferentes bibliografias, a revisão de literatura sobre o tema de impactos sociais no setor de agronegócio sucroalcooleiro no Brasil e particularmente no Triângulo Mineiro. Em seguida, realizou-se uma pesquisa documental para levantamento de dados sobre o setor sucroalcooleiro. Por fim, foi realizada uma pesquisa empírica no Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Uberaba que contribuíram para o objetivo proposto.

Esta pesquisa, portanto, possuiu por objetivo geral problematizar algumas das implicações sociais concernentes à reestruturação e expansão do setor na região do Triângulo

Mineiro, Minas Gerais, Brasil e como o movimento sindical dos trabalhadores rurais respondem às mudanças a partir da década de 2000. Diante do cenário de crescimento da força de trabalho feminina no mercado de trabalho no setor (GILIO, 2019) busca-se abordar essa questão, ainda que de maneira não exaustiva, na pesquisa.

Para atingir o objetivo geral, a pesquisa contemplou os seguintes objetivos específicos:

- Analisar os impactos sobre os trabalhadores rurais causados pela inserção das máquinas para aumentar cada vez mais a produtividade e eficiência da colheita de cana-de-açúcar;
- Analisar a posição do sindicato diante tais mudanças para o trabalhador rural;
- Problematizar a relação entre o discurso político-ideológico presente na direção do sindicato e as ações de defesa dos trabalhadores rurais implementadas.

2. Materiais e Métodos

A metodologia adotada nesta pesquisa para atingir o objetivo teve uma abordagem qualitativa de cunho exploratório, que segundo Sampieri, Collado e Lucio (2014) utiliza a coleta de dados, sem mediação numérica, para reformular ou revelar perguntas no processo de interpretação e se mostrou mais adequada para este estudo. Para Gil (2002, p.41) pesquisa de cunho exploratório “tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses”.

Para isso houve três fases de execução, sendo a primeira delas, a revisão de literatura, fazendo um levantamento bibliográfico sobre a temática, destacando-se os autores Previtali, Fagiani Farah, Martins e Furtado, além de Faria e Moraes.

Para Fonseca (2002, p.32) a

a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p.32).

Posteriormente foi realizada uma pesquisa documental, a partir de levantamento documental, relatório técnico e levantamento anual da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB).

E pesquisa documental segundo Fonseca (2002, p.32)

recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão etc. (FONSECA, 2002, p.32).

Por fim, foi realizada uma pesquisa empírica com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Uberaba, no qual a ação do sindicato engloba as indústrias alimentícias, produção de álcool e usinas da região situadas nas cidades de Uberaba, Verissimo, Campo Florido, Conceição das Alagoas, Conquista e Sacramento. A pesquisa utilizou como técnica uma entrevista e um questionário com questões fechadas e semiabertas que foram aplicados com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Uberaba.

A entrevista foi audiogravada com o consentimento do entrevistado no dia 26 de setembro de 2019. Posteriormente a entrevista foi transcrita e as respostas do questionário foram organizadas e analisadas. Ademais, para realizar a análise dos dados foi utilizada a análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977) é um conjunto de técnicas de análise da comunicação, em que se utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo exibido nas mensagens, permitindo então compreender o conhecimento exibido nas condições que foram desenvolvidas.

3. Resultados e Discussão

3.1 Revisão Bibliográfica

É importante que, antes de analisar os impactos sociais do setor do agronegócio sucroalcooleiro, trazer a discussão das ações do sindicato diante desse cenário de mudança no trabalho, considerando a história do desenvolvimento do setor e sua configuração atual, no âmbito da reestruturação produtiva e das relações interfirmas. Em seguida são apresentados os dados panorâmicos desse setor destacando a sua importância econômica para o país e os impactos do setor sucroalcooleiro sobre os trabalhadores. Por fim, são discutidos os impactos no sindicalismo diante as mudanças ocorridas no setor estudado.

3.1.1 Considerações históricas sobre o setor sucroalcooleiro

Historicamente o Brasil desde a chegada dos portugueses foi fortemente explorado a partir do cultivo da cana. Nesse período de Brasil colônia os engenhos de açúcar eram a base da economia do país. Furtado (2007, *apud* Previtali et al., 2012, p.222) aponta que

já na primeira metade do século XVI o Rei de Portugal organizou a primeira expedição com objetivos claros de povoar o território brasileiro, expulsar os invasores e começar o plantio da cana de açúcar. A região nordeste apresentou clima e solo muito favoráveis ao cultivo da cana e tendo seu produto, o açúcar, excelente aceitação na Europa, este alcançava elevados valores de comercialização. Foi então que Portugal, aproveitando-se do trabalho escravo, de origem africana, incentivou o cultivo da cana de açúcar em grande escala (FURTADO, 2007, *apud* PREVITALI et al., 2012, p.222).

Foi no final do século XIX, segundo mesmo autor, que a modernização na indústria do açúcar, visando aumentar a produção e reduzir os custos, aconteceu por causa das ações do governo de incentivos, garantias de juros e empréstimos públicos.

Foi no século XX, que se deu início à modernização, no governo de Getúlio Vargas, “cuja principal característica é a subordinação da agricultura à indústria” (PEREIRA, 2009, *apud* PREVITALI et al., 2012, p. 224). Faria e Previtali (2008) acreditam que alguns dos motivos que envolvem as mudanças nas ordens de trabalho são o aumento da mecanização no processo produtivo e as relações interfirmas que visam integrar unidades produtivas e produtores rurais. A partir dos anos 1950, uma série de mudanças tecnológicas foi introduzida na produção agrícola, como sementes modificadas, fertilizantes e agrotóxicos e o início de uma crescente mecanização no plantio, na irrigação e na colheita, contribuindo para a migração campo-cidade e para maior concentração fundiária (PREVITALI; MORAIS; FAGIANI, 2013). Ao mesmo tempo, as diferentes categorias de trabalhadores rurais, tais como meeiros, foreiros, colonos, camaradas, posseiros, passaram a se organizar em luta contra o trabalho precário e sob condições de grande exploração no campo e trouxeram para o debate político a questão da reforma agrária, sendo duramente reprimidos a partir do Golpe Militar de 1964 (PREVITALI; MORAIS; FAGIANI, 2013).

Nos anos 1970, o agronegócio do setor sucroalcooleiro foi significativamente impulsionado pelas políticas de governo, quando foi criado o Programa Nacional do Alcool (Proálcool) em suas diferentes fases, a saber: primeira fase: 1975-1979, quando houve o esforço para a criação de álcool anidro para a mistura com a gasolina; segunda fase: 1980-1986, o governo passa a investir de forma sistêmica no projeto e cria o Conselho Nacional do

Álcool - CNAL e a Comissão Executiva Nacional do Álcool – CENAL; terceira fase: fim dos anos 1980 até hoje, quando se tem a desregulamentação do setor pelo Estado, ou seja, a abertura dos mercados à competição interna e internacional, no âmbito da globalização sob a égide do neoliberalismo (PREVITALI, et al, 2012; PREVITALI, MORAIS, FAGIANI, 2013). Essa política se manteve mesmo nos governos de Luís Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, quando o etanol foi amplamente incentivado e o próprio Presidente Lula declarou serem os usineiros os salvadores do país.

3.1.2 Reestruturação Produtiva e Relações Interfirmas no Setor

A reestruturação produtiva das empresas deve ser entendida como inserida e regulada por uma estratégia de acumulação de corporações que atuam em escala global. A corporação se utiliza das vantagens competitivas presentes em cada país e região, integrando, sempre de forma desigual, ou simplesmente excluindo países ou regiões (PREVITALI et al., 2012).

Martins (2012) traz a discussão sobre o quão importante o setor sucroalcooleiro passou a ser no mundo, pois com o cultivo da cana-de-açúcar é possível produzir principalmente o açúcar, álcool e melado. Ele afirma também que devido às questões ambientais, trouxe a necessidade de utilização de combustíveis biodegradáveis para produzir energia, foi então que o etanol se tornou um produto mundialmente requisitado. Como o governo brasileiro incentivou com auxílios de isenções fiscais e baixos juros aos empréstimos, esse setor recebeu altos investimentos, principalmente de outros países, surgindo então, as relações interfirmas, onde é terceirizado parte do processo produtivo, a fim de reduzir custos.

Keller (2008) disserta que isso gera intensa reestruturação produtiva, podendo acarretar em fragmentação geográfica,

posicionando os agentes econômicos em função de uma maior cooperação entre empresas que atuam nas diversas esferas da produção. Essa cooperação interfirmas surge como um artifício de conciliar competição e cooperação entre os agentes econômicos (*apud*, MARTINS, 2012, p.26).

Segundo Farah (2009) “como consequências dessa aglomeração têm-se um maior poder de negociação junto aos fornecedores, maior produtividade e valor agregado, fonte conjunta de aprendizagem e inovação” (*apud*, MARTINS, 2012, p. 31). Sendo assim, Farah (2009) traz um exemplo de uma organização que estabelece relações interfirmas, que é o Arranjo Produtivo Local de Álcool (APLA), em que “abrange destilarias, indústrias,

instituições e centros de pesquisa com mais de 70 empresas e 10 usinas da cadeia produtiva do setor sucroalcooleiro” (*apud*, MARTINS, 2012, p.32).

3.2 Resultados

3.2.1 Panorama do Setor

Como observado na seção anterior, o Brasil possui uma cultura forte atrelada à produção agrária, pois desde seu descobrimento o país tinha suas terras exploradas para a produção de açúcar. E isso permanece até hoje, o governo promove projetos de incentivos ao crescimento do agronegócio, que é fazer do cultivo agrário um verdadeiro comércio que gera dinheiro para a economia.

Em geral esses incentivos resultam em dados expressivos da importância que a cana-de-açúcar é economicamente, como mostra a pesquisa feita pela Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) em abril de 2017, a área a ser colhida está estimada em 9,05 milhões de hectares, aumento de 4,6%, se comparada com a safra 2015/16 e “a produção de açúcar atingiu 38,69 milhões de toneladas, 15,5% superior à safra 2015/16 devido a preços mais rentáveis” (CONAB, 2017, p.8). Além disso, BRASIL (2008, *apud*, GOES; MARRA; SILVA, 2008, p. 40) afirma que:

Em 2006, o etanol registrou o maior índice de crescimento entre os 50 produtos mais exportados pelo Brasil, com uma elevação de 109,6% em relação ao ano anterior. As vendas chegaram a 1,6 bilhão de dólares e o Brasil exportou 3,4 bilhões de litros de álcool, cerca de 18% da sua produção total (BRASIL, 2008, *apud*, GOES; MARRA; SILVA, 2008, p. 40).

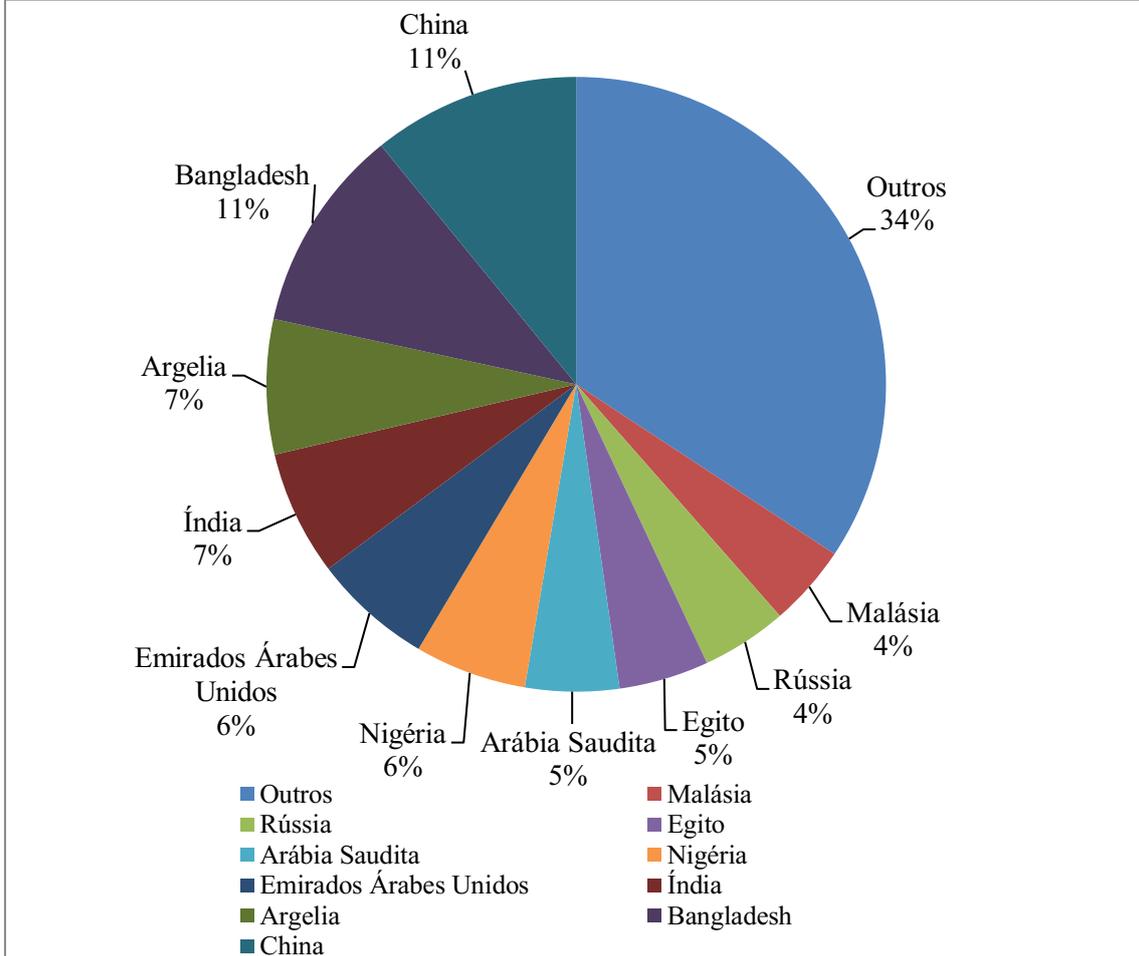
Por causa dos incentivos do governo à forte expansão da cultura da cana-de-açúcar, Goes, Marra e Silva (2008) afirmam que o setor sucroalcooleiro brasileiro é considerado o mais moderno do mundo, sendo o país o líder na produção de etanol, que é uma fonte de energia limpa e bastante valorizada devido as questões ambientais de minimização dos impactos gerados por combustíveis fósseis. Segundo Nastari (2010),

A consolidação do etanol de cana-de-açúcar como o melhor oxigenante para a gasolina e como o combustível que emite a menor quantidade de gases de efeito estufa (GEEs) relativamente a outros combustíveis, fez com que esse desenvolvimento ocorresse mais rapidamente (NASTARI, 2010).

Por essa razão o etanol passa a ser um atrativo aos demais países para consumirem o combustível renovável, como afirma Nastari (2010) em que a expansão desse setor está sendo impulsionado pelo aumento do consumo internacional de etanol. Como mostra os gráficos 1 e

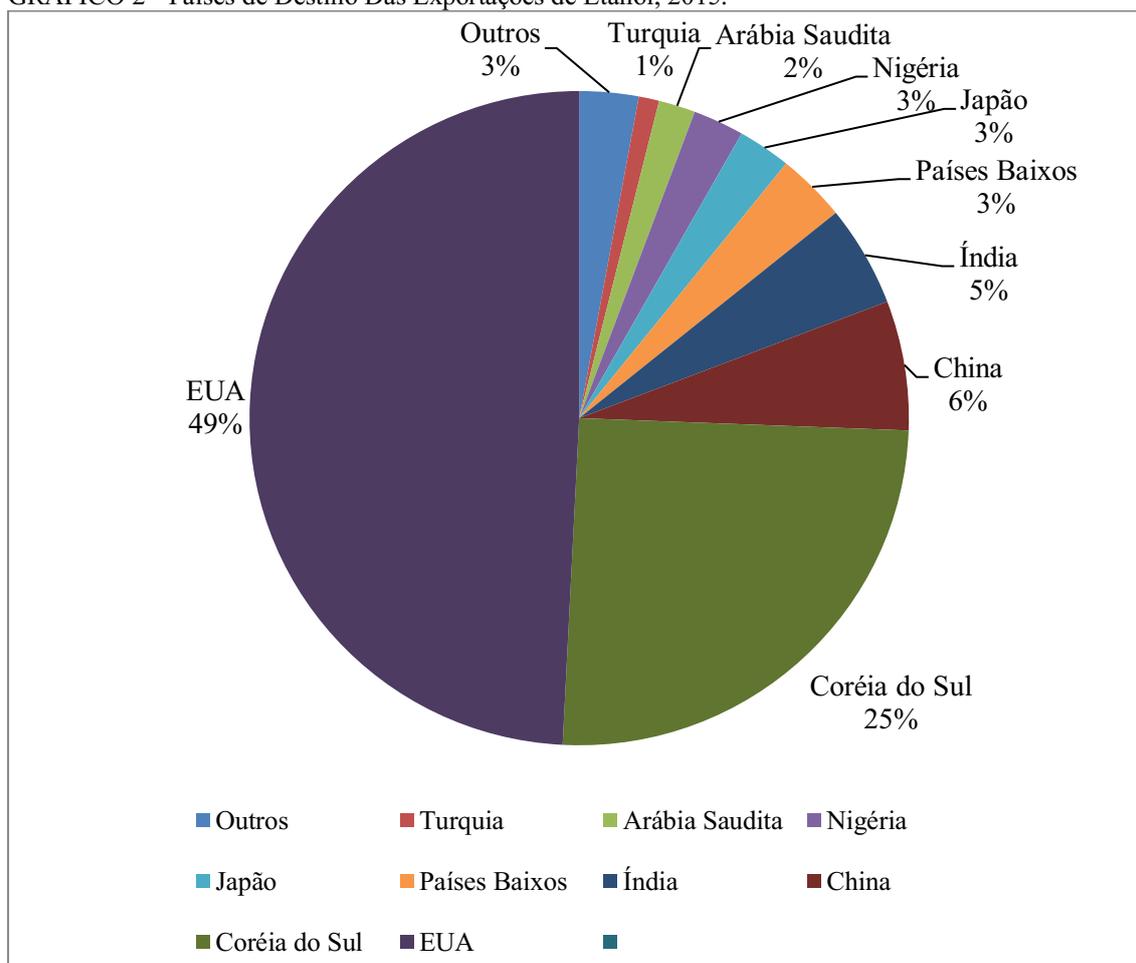
2, os principais consumidores estrangeiros de açúcar e etanol do setor sucroalcooleiro do Brasil:

GRÁFICO 1 - Países de Destino Das Exportações de Açúcar, 2015.



Fonte: SECEX, Bradesco (2015).

GRÁFICO 2 - Países de Destino Das Exportações de Etanol, 2015.



Fonte: SECEX, Bradesco (2015).

Além dos dados de crescimento econômico proporcionado pelo setor sucroalcooleiro, é importante destacar os impactos gerados no trabalho do campo, pois Segundo Nastari (2010), a entrada dos investimentos estrangeiros e a profissionalização do setor está relacionada com a crescente necessidade de eficiência e otimização dos processos de produção. Sendo assim, é importante a inserção das máquinas e equipamentos tecnológicos para garantir essa otimização, no entanto, devemos pensar também os impactos consequentes, com a introdução das máquinas para os trabalhadores do campo e também os impactos ambientais gerados com a expansão do cultivo de cana-de-açúcar nas terras.

3.2.2 Impactos do Setor Sucroalcooleiro sobre os Trabalhadores Rurais

A política de modernização do campo não incluiu a reforma agrária e melhorias no trabalho no campo. Na década de 1970 menos de 1% dos proprietários de terra concentravam mais da metade das propriedades rurais. O censo agropecuário de 1975 demonstrou que 52% dos estabelecimentos rurais do país tinham menos de 10ha⁶, ocupando apenas 2,8% de toda a terra utilizada. Em contrapartida, 0,8% dos estabelecimentos possuíam mais de 1000 ha, ocupando 42,6%. Ou seja, a concentração fundiária resumia-se a mais da metade da terra pertencente a menos de 1% dos proprietários (MARTINS, 1980, *apud* PREVITALI; MORAIS; FAGIANI, 2013).

À medida que as mudanças foram sendo difundidas, intensificaram-se os processos migratórios e surgiu uma categoria nova de trabalhadores rurais assalariados que passa a trabalhar sazonalmente, o “boia-fria” (SILVA, 1999). Esses trabalhadores temporários, em grande medida à margem dos direitos trabalhistas, compõem ainda hoje parte da força de trabalho na colheita da cana-de-açúcar, inclusive sob condições de super-exploração e sob o signo da escravidão moderna. Segundo Barbosa et al. (2015), no início de 2015, o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), divulgou uma lista com empresas de diversos setores que estavam usando o trabalho análogo ao escravo, e o setor sucroalcooleiro é um deles. Abaixo divulgamos o Quadro 1 com as respectivas usinas que mantêm esta prática desumana.

QUADRO 1 - Usinas Que Mantém Trabalho Análogo Ao Escravo.

Ano	UF	Empregador	Estabelecimento
2012	MT	Alcopan Álcool do Pantanal Ltda	Área de colheita de cana de açúcar no município de Poconé/MT.
2012	AL	Usina Taquara	Fazenda Mônica- Zona rural de colônia Leopoldina/AL.
2009	PE	Usina Salgado S.A	Engenho Califórnia- zonal rural Escada/PE.
2011	RJ	Tocos Agrocanavieira S.A	Fazenda Sertão- zonal rural Campos dos Goytacazes/RJ.
2009	MT	Zihuatanejo do Brasil açúcar e álcool S.A	Destilaria Araguaia- Rod. MT 413, Fazenda Gameleira, zona rural, Confresa/ MT.

⁶ A Unidade de medida hectare corresponde a 10.000 m².

2008	MG	AgrisulAgricolaltda.	Área de colheita de cana de açúcar no município de Fronteira/MG.
2009	MG	Destilaria Alpha	Área de cultivo de cana de açúcar- Rod. MG 260, s/n, km 39, zona rural, Cláudio/MG.
2008	AL	Laginha Agroindustrial	Fazenda Laginha- margem direita do rio mandaú- zona rural, União dos Palmares/AL.
2012	TO	JoariBertoldi	Fazenda Santa Maria- Rod. TO 080, km 140, zona rural, Marianópolis/TO.
2008	PE	Manuel Ernesto Lima Alvim Soares Filho	Engenho Cocula III- zona rural, Ribeirão/PE.
2008	MG	Alvorada do Bebedouro	Destilaria Alvorada do Bebedouro- zona rural, Guaranésia/MG.

Fonte: Barbosa et al. (2015).

Nesse sentido, as políticas de desenvolvimento econômico, que estimularam o avanço da industrialização no campo não representaram a melhoria das condições de trabalho e renda da população camponesa, contribuindo ao contrário, para sua expulsão do campo e para a maior concentração da propriedade das terras.

Guanais (2019, p.233) discute sobre a intensificação do trabalho atrelado ao estímulo de maior pagamento por produção, gerando a superexploração do trabalho canavial. Sendo possível entender “por que o aumento da intensidade do trabalho e a extensão da jornada laboral trazem como consequência a elevação do valor da força de trabalho desses assalariados rurais na medida em que contribuem para o desgaste dos cortadores de cana”.

Além disso, Guanais (2019, p.226) destaca que o processo de intensificação do trabalho no corte manual de cana “resulta muito mais de mudanças organizacionais no processo produtivo do que de avanços tecnológicos introduzidos no setor”.

Outro autor que argumenta sobre a exploração do trabalho é Scopinho (1999) *apud* Peres et al. (2017), no qual alega que houve um aumento na exploração do trabalhador rural, uma vez que as condições de trabalho permanecem precárias e com a chegada das máquinas na colheita da cana, ao invés de melhorar o trabalho da força produtiva, introduziu novas formas de desgaste e de intensificação do ritmo de trabalho e as condições do corte ficaram mais difíceis, uma vez que:

Antes eram feitas a partir da queimada das folhas para auxiliar no corte manual, os trabalhadores acabam tendo que trabalhar mais, pois os terrenos em que as máquinas não conseguem fazer a colheita são geralmente mais inclinados, ou com canas de pior qualidade tornando assim o corte mais difícil, o que nos faz pensar se realmente a sustentabilidade social existe nesse setor (PERES et al., 2017, p. 454).

Barbosa et al. (2015, p. 9) também afirma que:

a mecanização não tem trazido tantos benefícios aos trabalhadores, como o discurso oficial sustenta. Os operadores de colheitadeiras são submetidos a radiação solar excessiva, má iluminação durante a noite, são sujeitos a picadas de animais peçonhentos, problemas de ordem física decorrentes do mau posicionamento no interior das máquinas, bem como o desgaste mental devido a grande concentração que deve ser exercida na operação da máquina aliada a pressão por produzir ao máximo (BARBOSA et al., 2015, p.9).

Além disso, a introdução das tecnologias foi um fator gerador de desemprego, substituindo a força de trabalho pelas máquinas com a substituição da força de trabalho por máquinas. Peres et al. (2017, p.458) comentam sobre isso, em que

diminuiu a força de trabalho empregada, não eliminou o desgaste físico e psíquico dos trabalhadores, e combina assimetricamente o trabalho especializado com o manual, onde ao lado trabalhadores com maior especialização como tratoristas, motoristas e operadores de máquinas agrícolas, há outros trabalhadores sem especialização alguma (PERES et al., 2017, p. 458).

Agora, levando em consideração os impactos ambientais, o crescimento com o mercado externo incentivou ainda mais o aumento da exploração da terra. Em virtude dos grandes incentivos oferecidos a esse setor, aumentaram ainda mais os investimentos estrangeiros no país. Como mostra Nastari (2010) a partir de dados da safra 2010/2011, estima-se que a participação do capital estrangeiro no setor sucroenergético nacional tenha atingido 25% em 2011.

Segundo Análise Editorial (2008, *apud*, GOES; MARRA; SILVA, 2008, p. 40) estima-se que as vendas de litro do etanol devem chegar a 16 bilhões de litros, em 2020, consequentemente expandindo cada vez mais as áreas de cultivo da cana e aumentando o investimento de capital.

3.2.3 Sindicalismo e a Defesa dos Trabalhadores Rurais

Os sindicatos surgem “como resultado do esforço espontâneo dos operários para impedir ou atenuar a exploração” (PEREIRA; FARIA, 2001, p. 183). Antunes (1981), também afirma que a formação a princípio dos sindicatos teve como finalidade

(...) impedir que os níveis salariais se coloquem abaixo do mínimo necessário para a manutenção e sobrevivência do trabalhador e sua família. Os sindicatos também são “associações criadas pelos operários para sua própria segurança, para a defesa contra a usurpação incessante do capitalista” permitindo, então, uma melhor condição de trabalho (ANTUNES, 1981, p. 13).

No entanto, Nova Técnica (2015) destaca que no Brasil os direitos trabalhistas são muito desrespeitados. Para Santos (2011):

(...) é importante ainda enfatizar a crise do movimento sindical sob a mundialização do capital se configura a partir da substituição de um sindicalismo de classe, que passa a ceder lugar a um sindicalismo que assume estratégias cada vez mais voltadas à lógica do capital, portanto, não é apenas uma crise socioinstitucional, mas também político-ideológica. (SANTOS, 2011, p. 150).

Recentemente Araújo (2017) realizou uma pesquisa, como Trabalho de Conclusão de Curso, na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, em que foi possível identificar que nessa região já chegou a 100% de área mecanizada para terrenos de declínio até 12% e essa tecnologia afeta o emprego dado que uma máquina pode substituir cerca de 100 ou mais trabalhadores. Ainda segundo Araujo (2017), analisando outras entrevistas em reportagens, foi possível observar que as ações de donos das colheitas são voltadas visando o custo baixo e produtividade elevada, sem se dar atenção às condições de trabalho dos trabalhadores e trabalhadoras envolvidos no corte da cana de açúcar. produtiva do trabalho.

Na análise de uma entrevista com o presidente do SIAMIG (Sindicato das Indústrias da Fabricação do Alcool no Estado de Minas Gerais), Mário Campos, por Araújo (2017), foi abordada a questão da qualificação dos trabalhadores do setor, em que o presidente relata que gerou empregos em outras tarefas, compensando os que a máquina substituiu e também que ofereceram treinamentos para os trabalhadores ocuparem atividades que exigem maior qualificação. Apesar disso Araújo (2017, p.13) concluiu que

apesar do presidente do sindicato incluir em sua fala a dimensão do trabalhador em vista do processo de mecanização, esta não se aprofunda em questões além da qualificação restrita a capacitação técnica para executar as funções demandadas para o melhor desempenho da empresa, ignorando, assim como as demais declarações analisadas, os demais aspectos da vida do trabalhador. Ademais, percebe-se que o presidente apresenta um discurso inclusivo de que este avanço promove ao trabalhador certa qualidade social, próxima às certificações da burguesia, ao valorizar que “os cortadores de cana foram treinados e ocupam funções que exigem uma maior qualificação”, enquanto, segundo Rummert, Albebaile e Ventura (2013), na realidade estas ofertas permanecem tão desiguais quanto antes e promovem apenas conformação profissional através de uma educação endereçada ao chão de fábrica que visa prioritariamente a valorização do capital (ARAÚJO, 2017, p.13).

Araújo (2017, p.13) conclui que as posições dos entrevistados

se restringem aos impactos técnicos da mecanização, preocupando-se com as dimensões objetivas da inovação tecnológica, como os acréscimos de produtividade, e ignoram as consequências sociais, como o desemprego ou a realocação dos trabalhadores. Ainda que as dimensões humanas do processo sejam mencionadas nas declarações acima, elas não constituem o foco do discurso, tampouco compreendem parte relevante do mesmo (ARAÚJO, 2017, p.13).

Segundo Thomaz Júnior (1998), O sindicalismo rural somente é regulamentado em 1962, no contexto das tentativas de reelaboração do pacto populista, liderado por João Goulart, que não se pautou por acordos com a oligarquia rural. Ainda segundo o autor, dada a sua constituição, especialmente as características presentes no sindicalismo rural são o corporativismo, o aparelhismo e a referência de "ação" limitada à base territorial de abrangência municipal.

Pereira e Faria (2001, p.192), com base em suas pesquisas que envolveram os trabalhadores de usinas e representantes do sindicato, chegaram à conclusão de que o sindicato é indiferente com as questões que envolvem o trabalhador e ele é um “mero intermediador entre a usina e os trabalhadores”. Esses mesmos autores acreditam que o papel do sindicato deveria ser de “lutar e defender os direitos e interesses dos seus filiados, dos trabalhadores” (PEREIRA; FARIA, 2001, p. 193). Além disso, eles argumentam que esse modelo sindical brasileiro não é capaz de “compreender e assumir uma crítica que aponte para a necessidade de construir um projeto para uma nova sociedade e que extrapole, portanto, os limites do economicismo e do legalismo” (PEREIRA; FARIA, 2001, p.195).

3.3 Pesquisa no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uberaba e Região.

A entrevista com o Presidente do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Alimentação de Uberaba buscou coletar informações gerais sobre o sindicato e dos trabalhadores que ele representa, o panorama do trabalho feminino no setor e como é essa participação em relação aos homens, as questões de reestruturação produtiva e inserção de máquinas no campo relacionando com a forma como isso afeta o trabalhador, políticas salariais das empresas, acidentes de trabalho no setor e, por fim, as ações sindicais mediante as mudanças pautadas nesse setor.

O sindicato possui atuação nas indústrias alimentícias, produção de álcool, produção de cana-de-açúcar e usinas da região situadas nas cidades de Uberaba, Canápolis, Verissimo,

Campo Florido, Conceição das Alagoas, Conquista e Sacramento. É filiado à Central Única dos Trabalhadores (CUT), foi formado em 1957 e durante a ditadura teve um presidente “pelego⁷” no comando do sindicato. Esta entrevista foi gravada com o consentimento do entrevistado no dia 26 de setembro de 2019 e os resultados a seguir buscam se aproximar ao máximo do relatado na entrevista.

O número de trabalhadores na base do sindicato é de aproximadamente 15 mil atualmente, mas esse valor flutua bastante devido ao setor de padarias que é mais instável, pois segundo o entrevistado “abre e fecha novas padarias todo dia”. Já o número de trabalhadores filiados ao sindicato é de cerca de 10% desse total. O entrevistado considera que o número de filiados sofreu uma variação entre os anos de 2010 e 2019 de 1200 para 1500 filiados e não possui dados separados por gênero. No setor sucroalcooleiro, que abrange de Volta Grande até Vale do Tijuco e Canápolis, aproximadamente 35% dos trabalhadores são nordestinos e a maioria possui segundo grau completo e não passam de 35 anos a média das idades.

Quanto ao perfil do trabalhador o entrevistado acredita que houve uma grande mudança quanto a qualificação profissional, “hoje em dia a empresa exige conhecimento, se não, tá fora” e que “difícilmente consegue empregar alguém que não tenha segundo grau completo”. Dessa forma enquanto representante do sindicato, ele incentiva a profissionalização dos funcionários do setor, tendo em destaque a situação pós 1997, em que o setor sucroalcooleiro da região no final de cada safra demitia os trabalhadores e posteriormente na próxima safra contratava uma empresa terceira para recontratá-los. Diante disso, o representante do sindicato propôs aos gerentes das usinas a realização de uma *lay-off*⁸, que consistia em após a safra, levar os trabalhadores para cursos de profissionalização e dispensar apenas o pessoal de corte manual, fazendo parceria com o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) das cidades de Araxá e de Uberlândia. Os trabalhadores recebiam o salário por meio do FAT (Fundo de Amparo ao Trabalhador), que é

⁷ Denominação dada a membros de sindicatos que agiam sob inspiração do Ministério do Trabalho ou de políticos ditos trabalhistas. [Figurado] Pessoa servil, dominada por outra; capacho (JUSBRASIL, 2016).

⁸ O termo *lay-off*, derivado da língua inglesa, nos remete a uma situação de suspensão temporária do contrato de trabalho, seja por falta de recursos financeiros (pagamento de salários), seja por falta de trabalho/atividade que ocupe toda a mão de obra da empresa. Diante de um cenário desfavorável economicamente, as empresas buscam adotar medidas que não comprometam a operacionalização da companhia, mas que possam mantê-las “respirando” financeiramente, evitando impactos de maiores proporções em suas atividades, seja com a elevação no custo com indenizações por demissões, seja pela perda de investimentos em mão de obra qualificada PANTALEÃO (2018).

parte da arrecadação de impostos do governo federal. Essa estratégia é ainda adotada, sendo o caso mais recente no setor de carnes que passou por uma crise devido às denúncias e irregularidades na produção de uma empresa da região, em que logo utilizaram a *lay-off* para restaurar a empresa.

Dado isso, é possível corroborar com Pereira e Faria que dizem ser o sindicato um “mero intermediador”⁹ entre as usinas e os trabalhadores ao beneficiar a empresa nos períodos sem produção ficam isentas de pagar os funcionários, pois eles são pagos pelo governo federal, através do FAT, além disso as usinas não precisam arcar com custos de demissões e ainda “ganham” a profissionalização dos funcionários. Logo, pode-se inferir, de acordo com a pesquisa de Santos (2011) que o sindicalismo está cedendo ao capital, adotando estratégias em benefícios do capital. Sendo assim, é possível notar que o sindicato não consegue assumir uma visão crítica voltada ao trabalhador e não consegue construir estratégias voltadas à classe menos favorecida (trabalhadores).

Os resultados obtidos sobre a participação do trabalho feminino foram de que o entrevistado acredita que há a presença de “igual para igual” em relação aos homens, que não há distinção de trabalhos por gênero e que acreditam que ambos desenvolvem as mesmas atividades, que as mulheres estão satisfeitas e recebem o mesmo salário. Essa afirmação entra em contradição quando perguntado da participação das mulheres no conselho diretor do sindicato, sendo elas 3 de 10 cargos de diretoria. Representando então uma falsa visão de igualdade entre os gêneros, como Barbosa (1999) afirma que é uma falácia falar que as oportunidades sociais para os dois gêneros são iguais, pois na trajetória profissional da mulher são construídas barreiras para que assumam cargos de liderança.

Ressaltando ainda, uma situação em que o entrevistado dá um exemplo do quanto a presença da mulher é importante, que ocorreu nos anos 1990 onde estava tendo um gargalo em uma etapa da produção de queijo em que a solução foi inserir oito mulheres por serem mais minuciosas e delicadas ao desenvolver tal atividade, como consequência disso aumentou a produtividade. Essa retórica entra em consonância com o ponto de vista da Saffioti (1976), conforme citado por Castro (2019), em que há sim separação por gênero nas atividades do trabalho e além disso, a divisão sexual do trabalho é organizada partindo de uma característica que seja nata do indivíduo, como o do exemplo citado de colocar mulher pela característica eleita socialmente de mais minuciosa, flexível e delicada para fazer tal atividade. Dessa

⁹ Aspas dos autores.

forma, a visão de que a mulher é valorosa e importante nos diversos campos de trabalho contradiz a objetificação que faz ao contratar mulher pela condição física que o capital precisa no sistema produtivo e não pela condição humana que possui.

Quanto à reestruturação produtiva e mecanização do campo, o entrevistado afirma que a mecanização é uma das principais mudanças que geraram um impacto significativo na região. Nas usinas de Volta Grande e Delta há 10 anos utilizava-se cerca de 6.000 trabalhadores para moer 1.800.000 toneladas de cana e atualmente utiliza 2.300 e 2.200 trabalhadores aparentemente, respectivamente em Delta e Volta Grande, para moer 10 milhões de toneladas. Com isso, o entrevistado não consegue enxergar pontos positivos para a mecanização, pois gerou alto nível de desemprego. A sua fala pode ser corroborada pelas análises de Castro (2013), em que a inserção das máquinas nesse setor foi a inovação mais marcante, pois substituiu força de trabalho humana por máquinas. Sendo assim, o presidente do sindicato acredita que mesmo com a brusca mudança na quantidade de funcionários, o sindicato não perdeu força de filiados, pois existem outros setores de alimentos que repõem essa quantidade constantemente. E para manter os filiados e conscientizá-los, o sindicato busca os trabalhadores para conversar e demonstrar a importância de fazer parte do sindicato, pois é através dele que mantém os direitos trabalhistas, a participação no lucro dos resultados da empresa, vale alimentação, planos de saúde, entre outros benefícios. No entanto, o entrevistado afirma que atualmente é difícil conseguir mobilizar os funcionários, ainda mais com o governo atual (Bolsonaro¹⁰) que não é atuante ao pregar multas nas empresas por irregularidades e não atende às reivindicações dos sindicalistas.

No entanto, ao ser questionado quanto à intensificação do trabalho, o presidente do sindicato diz que hoje é bem melhor, pelas melhores condições e conforto que a máquina traz para o trabalhador e que os trabalhadores estão satisfeitos com essa condição, então ele acredita que não houve intensificação. O que gera uma contradição em relação ao que foi dito acima é que atualmente com bem menos funcionários nas usinas houve um aumento de cerca de 356% na produtividade das usinas em relação há 10 anos e com isso não houve acréscimo nos salários dos funcionários. Além disso segundo Gazeta Digital (2010), uma colheitadeira substitui cerca de 120 trabalhadores manuais, logo há intensificação do trabalho, pois são menos trabalhadores manuseando as máquinas, recebendo o salário referente à 1 pessoa, mas precisam produzir o mesmo tanto que 120 trabalhadores.

¹⁰ Jair Bolsonaro, presidente eleito no Brasil em 2018.

Ademais, em outro tópico quando perguntado sobre as principais reivindicações dos trabalhadores nos últimos cinco anos, é apontada a manutenção dos postos de trabalho e a correção salarial adequada. Logo, é perceptível uma contradição no que foi dito, uma vez que não é possível haver satisfação com o salário atual e ser responsável pelo alarmante crescimento da produtividade.

Diante essas questões percebe-se que apesar do discurso retórico político engajado do Presidente do sindicato, o mesmo não se coloca na prática no cotidiano do local de trabalho.

Por fim, com relação à ação sindical, são ofertadas aos trabalhadores parcerias com empresas de saúde, faculdade e academia, geralmente por parte das próprias empresas e o sindicato oferece assistência jurídica quando solicitada. As decisões empresariais referentes à jornada de trabalho, inserção de máquinas, salários e demais temáticas voltadas ao trabalhador, passam pelo sindicato, as empresas costumam contatar o sindicato antes da implantação de algo para estabelecer uma negociação, e então as ações sindicais ocorrem através de diálogos com as empresas.

Ao mesmo tempo, o sindicato também busca manter uma relação com os trabalhadores de politização, através de assembleias, cursos de formação sindical, entre outros cursos ofertados pela Central Única dos Trabalhadores (CUT). Em relação à visão de longo prazo para atuação e as estratégias a serem feitas pelo sindicato, o presidente se mostrou desesperançoso e diz não haver planos de longo prazo sendo o foco atual a manutenção das conquistas anteriores de direitos do trabalho e não permitir perdas com a reforma trabalhista.

Entrevistado: Manter o que está hoje já está de bom tamanho, o que conquistou nos últimos dez anos.

Ele também acredita que o movimento sindical caminha para o

Entrevistado: desfacelamento das estruturas sindicais que se sustentam na arrecadação de impostos sindicais. Eu acredito que no Brasil vai ficar poucos sindicatos daqui para frente. A reorganização se dá nas bases sindicais políticas, o trabalhador tem que criar consciência política, votar correto, se não daqui 20 anos não vai ter mais nada.

4. Conclusão

É possível concluir com esse estudo que estão acontecendo mudanças sérias no trabalho e que necessitam de atenção, não pensando somente nos ganhos com a economia, sendo também imprescindível analisar os impactos exercidos pela inserção de máquinas visando a otimização intensa e a busca por baixos custos no processo produtivo. Assim, torna-se importante discutir sobre a geração cada vez maior de mais esforços físicos e psicológicos para o trabalhador e trabalhadora rurais, além da submissão do mesmo à uma qualificação muito específica que atende apenas aos interesses do capital e não à uma qualificação que faça o trabalhador pensar e questionar as condições que lhes são impostas.

Finalizamos esse artigo retomando o objetivo inicial de problematizar algumas das implicações sociais concernentes à reestruturação e expansão do setor. Dado isso, foi importante analisar as mudanças no trabalho do setor sucroalcooleiro devido à mecanização e seus impactos na vida do trabalhador e no sindicato que deveria protegê-los. No entanto, a partir das bibliografias, documentos analisados e da entrevista feita, pode-se afirmar a hipótese de que o cenário do país fortemente apegado à produção agrária está atrelado ao posicionamento do sindicato de tender mais às necessidades do capital para proteger a cultura agrária e, no caso do sindicato dos trabalhadores rurais, percebe-se que apesar do discurso retórico político engajado não se coloca na prática no cotidiano do local de trabalho, este não parece ter desenvolvido ainda mecanismos que possibilitem reduzir a superexploração, atender as reivindicações salariais, ter uma visão mais crítica quanto a visão da mulher no trabalho e as desigualdades que sofre no setor da região, tendo dificuldades para modificar essa realidade local.

Além disso, a atuação do governo atual tem enfraquecido as forças sindicais e dado maior liberdade às grandes empresas para infringirem regras trabalhistas para maximizar seus lucros e concentrar o capital na mão de poucos.

Logo, finalizamos a pesquisa esperando ter contribuído sobre o tema trabalhado, sabendo que precisam ser feitas drásticas mudanças a fim de conseguir mudar a realidade estrutural do sindicato, para conseguir de fato lutar e ser um agente de transformação voltado aos interesses dos trabalhadores. A atuação limitada do sindicato fortalece ainda mais a estrutura social em que o trabalhador rural seja apenas uma ferramenta para a construção da mais-valia para o capital.

Sendo assim, algumas sugestões de mudanças possíveis a serem feitas são aumentar a politização dos trabalhadores para ter uma adesão maciça da classe operária no movimento sindical e a presença de representantes operários na estrutura sindical que estejam em busca dos seus direitos e não da burguesia, para que não se sobressaia os interesses do capital sobre os interesses dos trabalhadores.

Por fim, sugere-se estudos futuros com maior contato direto do pesquisador e as usinas, além dos trabalhadores das usinas, através de entrevistas, visitas, com o intuito de coletar mais dados primários e com os resultados conseguir enxergar a melhor a realidade do setor e problematizar as questões que o permeiam.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, R. L. C. **O que é o sindicalismo**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 95 p.

ARAÚJO, M. **Qualificação Profissional e Empregabilidade**: o caso do setor sucroalcooleiro. 2017. 26 f. TCC (Graduação) - Curso de Administração, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

BARBOSA, J. V. S. et al. A Reestruturação Produtiva do Setor Sucroalcooleiro: As Implicações para o Trabalho e a Qualificação Profissional. **Anais do III Seminário Internacional Ruralidades, Trabalho e Meio Ambiente**, 2015, São Carlos, 2015. p. p.1-p.15

BARBOSA, L. **Igualdade e meritocracia**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977.

CASTRO, B. Quando gênero revela classe: mulheres e flexibilidade no setor da tecnologia da informação. In: ANTUNES, Ricardo. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV**. São Paulo: Boitempo, 2019. Cap. 8. p. 145-163.

CASTRO, M. **Mecanização no campo muda as relações de trabalho**, Belo Horizonte: Estado de Minas, 2013. Disponível em: <http://www.em.com.br/app/noticia/economia/2013/01/14/internas_economia,343131/mecanizacao-no-campo-muda-as-relacoes-de-trabalho.shtml>. Acesso em: 11 jul. 2017.

CONAB. **ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA: Cana-de-açúcar**. Brasília: Observatório Agrícola, 2017. 3 v. Disponível em: <file:///C:/Users/Gabriela/Downloads/Boletim_Cana_4_Levantamento_16-17.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.

CUNHA, Thiago Resende; PREVITALI, Fabiane Santana. EXPANSÃO DO ETANOL E IMPACTOS SOCIOAMBIENTAIS NO BRASIL DO SÉCULO XXI. **Horizonte Científico**, Uberlândia, v. 8, p.1-20, 2014.

FARIA, A.F. de.; PREVITALI, F. S. **Reestruturação Produtiva e Qualificação Profissional**: um estudo sobre a cadeia do fumo. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sociologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2008.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GAZETA DIGITAL. **Máquinas substituem homens**. 2010. Disponível em: <<https://www.gazetadigital.com.br/editorias/economia/maquinas-substituem-homens/254915>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa** - 4. ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

GILIO, Leandro. **Emprego feminino no setor sucroenergético evolui em qualidade, mas participação ainda é baixa**. Disponível em:

<<https://www.portaldoagronegocio.com.br/noticia/emprego-feminino-no-setor-sucroenergetico-evolui-em-qualidade-mas-participacao-ainda-e-baixa-181685>>. Acesso em: 17 dez. 2019.

GOES, T.; MARRA, R.; SILVA, G. S. e. Setor sucroalcooleiro no Brasil: Situação atual e perspectivas. **Revista de Política Agrícola**, Brasília, n. 2, p.39-51, jun. 2008.

GUANAIS, J. B. Intensificação do trabalho e superexploração na agroindústria canavieira. In: ANTUNES, R.. **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e exploração da vida**. São Paulo: Boitempo, 2019. Cap. 12. p. 223-236.

JUSBRAZIL. **Sindicalismo ou peleguismo?** 2016. Disponível em: <<https://rgadine.jusbrasil.com.br/noticias/452857102/sindicalismo-ou-peleguismo>>. Acesso em: 30 out. 2019.

MARTINS, R. R. **PANORAMA DO CULTIVO DA CANA-DE-AÇÚCAR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA REGIÃO DO TRIÂNGULO MINEIRO**. 2012. 54 f. Monografia de Final de Curso - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2012.

NASTARI, G. Capital estrangeiro cada vez mais forte. **AgroAnalysis**, Agroenergia, FGV/EESP, abr. 2010. Disponível em: <<http://www.agroanalysis.com.br/4/2010/agroenergia/setor-sucroalcooleiro-capital-estrangeiro-cada-vez-mais-forte>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

NOTA TÉCNICA. **A IMPORTÂNCIA DA ORGANIZAÇÃO SINDICAL DOS TRABALHADORES**. 151. ed. São Paulo: Departamento Intersindical de Estatísticas e de Estudos Socioeconômicos (DIEESE), 2015. 11 p. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/notatecnica/2015/notaTec151ImportanciaSindicatos.pdf>>. Acesso em: 02 maio 2017.

PANTALEÃO, S. F. **Lay-Off - Uma Alternativa Para Enfrentar A Crise E Evitar Demissões**. 2018. Disponível em: <<http://www.guiatrabalhista.com.br/tematicas/layoff-alternativa-para-crieses.htm>>. Acesso em: 30 out. 2019.

PEREIRA, P. G.; FARIA, A. F. de. Reestruturação produtiva e agroindústria sucroalcooleira: sindicalismo rural em questão. **Trabalho, Educação e Reestruturação Produtiva**, Uberlândia, p.183-198, 2001.

PERES, G. et al. SETOR SUCROALCOOLEIRO NO BRASIL: UM ESTUDO SOBRE SUSTENTABILIDADE SOCIAL, SINDICALISMO E RELAÇÕES DE GÊNERO/ETNIA. **III Seminário Internacional Desafios do Trabalho e Educação no Século XXI: Os 100 anos da Revolução Russa**, Uberlândia, p.453-922, set. 2017.

PLANALTO (Org.). **DECRETO-LEI**. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 20 dez. 2019.

PREVITALI, F. S. et al. Trabalho e Educação na Agroindústria Sucroalcooleira na Região do Triângulo Mineiro/Brasil a partir da década de 1990. In: PREVITALI, Fabiane

Santana. **TRABALHO, EDUCAÇÃO e REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA**. Uberlândia: Grupo de Pesquisa Trabalho, Educação e Sociedade, 2012. Cap. 3. p. 213-240.

PREVITALI, F. S.; MORAIS, S. P.; FAGIANI, C. C. **TRABALHO E MIGRAÇÃO: O CASO DA AGROINDÚSTRIA SUCROALCOOLEIRA NO TRIANGULO MINEIRO A PARTIR DA DÉCADA DE 2000**. REED – Espaço de Diálogo e Desconexão. Araraquara, v. 7, n. 1, jul./dez. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/download/6377/5027>>. Acesso em 10 de jul. 2018

RAJÃO, R.; RITTL, C. **O agronegócio brasileiro é uma potência, mas se tornou uma ameaça**. 2018. Disponível em: <<http://envolverde.cartacapital.com.br/o-agronegocio-brasileiro-e-uma-potencia-mas-se-tornou-uma-ameaca-diz-artigo/>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, M. del. P. B. **Metodología de la investigación**. 6. ed. Cidade do México: Mcgraw-hill, 2014. 601 p.

SANTOS, J. C. dos. A Relação Capital X Trabalho E Os Limites Do Sindicalismo Na Agroindústria Canavieira Da Microrregião Geográfica De Presidente Prudente – SP. **Revista Pegada**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 148-157, dez. 2011. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/932/1063>>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SCOPINHO, R. A.; EID F.; VIAN, C. E. F. Novas tecnologias e saúde do trabalhador: a mecanização da cana- de-açúcar. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 15, n. 1, p. 147-161, 1999.

SECEX. **AÇÚCAR E ETANOL**. Brasília: Depec - Bradesco, 2015. 72 p. Disponível em: <https://www.economiaemdia.com.br/EconomiaEmDia/pdf/infset_acucar_etanol.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2018.

SILVA, M. A. de. M.; **Errantes do fim do século**. São Paulo: Editora da UNESP, 1999.

THOMAZ JÚNIOR, Antonio. O SINDICALISMO RURAL NO BRASIL, NO RASTRO DOS ANTECEDENTES. **Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 15, p.1-8, 15 jan. 1998.

VIEIRA, M. C. A.; LIMA, J. F.; BRAGA, N. M. Setor Sucroalcooleiro Brasileiro: Evolução e Perspectivas. **Bndes**, Brasília, p. 207-245, jun. 2007. Disponível em: <http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhecimento/liv_perspectivas/07.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2017.